



Mosteiros Cistercienses

História, Arte, Espiritualidade e Património

José Albuquerque Carreiras (dir.)

SEPARATA

Mosteiros Cistercienses

História, Arte, Espiritualidade e Património

TOMO I

DIRECÇÃO

José Albuquerque Carreiras

Actas do Congresso realizado em Alcobaça
nos dias 14 a 17 de Junho de 2012

ALCOBAÇA

2013

MOSTEIRO DE S. BENTO DE CÁSTRIS QUE FUTURO PARA ESTE PATRIMÓNIO?

MARIA DO CÉU SIMÕES TERENO*, MARÍZIA M. D. PEREIRA** E MARIA FILOMENA MONTEIRO***

Introdução

O Mosteiro de S. Bento de Cástris, objeto do presente trabalho encontra-se classificado como Monumento Nacional (M.N.) desde 1922, integrando desde 1962 a Zona Especial de Proteção (Z.E.P.)¹.

Por se tratar de um espaço muito antigo, de grandes dimensões e qualidade arquitetónica e com uma cerca quase intacta, poderá reunir as condições necessárias para ser um conjunto protegido e alvo de uma intervenção cuidada. Atualmente encontra-se devoluto.

A fundação do Mosteiro de S. Bento de Cástris remonta a data muito recuada e sobre a sua génese ocorrem algumas dúvidas². Aparece associada à existência de uma pequena ermida em 1169, mas pensa-se que terá surgido como a fundação feminina mais antiga que se situa a sul do Tejo, mandada erigir em 1274 por D. Urraca Ximenes.

* Departamento de Arquitetura da Universidade de Évora.

** Departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento da Universidade de Évora.

*** Departamento do Centro Histórico da Câmara Municipal de Évora.

¹ TOMÉ, Miguel Jorge, «A Intervenção dos "Monumentos Nacionais" nos extintos Mosteiros de Arouca, Lorvão e S. Bento de Cástris», *Revista da Faculdade de Letras, Ciências e Técnicas do Património*, Porto, 2003, I Série, vol. 2, pp. 703-734. Na p. 708, encontram-se as razões da classificação do mosteiro: "S. Bento de Cástris foi classificado somente em Julho de 1922, na sequência da ação de reconhecimento protagonizada pela associação de defesa do património 'Grupo pró-Évora'".

² FIALHO, Padre Manuel, *Évora Ilustrada*, onde a dúvida é muito patente, sugerindo um espaço de cerca de 100 anos de diferença: "...convento de religiosas de S. Bernardo, teve início no ano do Senhor de 1169 ou 1275...", Quarto Tomo da obra corresponde ao Códice CXXXII-1 da Biblioteca Pública de Évora.

Localização

O Mosteiro de S. Bento de Cástris localiza-se a cerca de 2 quilómetros da cidade de Évora, em direção a Arraiolos, local que era à época isolado e dotado das características recomendadas pelo Exórdio de Cister (isolamento, água em abundância e terrenos férteis)³. A seleção do local foi determinada por algumas linhas orientadoras, das quais se salientam a topografia e a hidrografia. Este local encontra-se num maciço granítico, onde existiam nascentes e linhas de água. O mosteiro situa-se numa pequena elevação de terreno e é constituído por um conjunto edificado de grandes dimensões que teve um crescimento dinâmico ao longo do tempo, pelas necessidades que foram surgindo com a sua constante ocupação. A volumetria muito diversificada marca sem dúvida toda a ambiência envolvente (**Figs. 1 e 2**).



Fig. 1. Vista geral do conjunto monástico



Fig. 2. Vista do alçado sul do mosteiro de S. Bento de Cástris

Encontra-se enquadrado por uma cerca muito extensa e que ainda conserva grande parte da sua antiga estrutura.

Evolução do conjunto arquitetónico

O mosteiro de S. Bento de Cástris dada a sua vetustez apresenta na sua construção e estado atual algumas das diversas intervenções que recebeu ao longo do tempo, que são identificáveis numa leitura do edificado. O edifício foi dotado de muitas benefi-

³ Exórdio de Cister - Estatutos (da Ordem) anteriores a 1134, inclusos em NASCIMENTO, Aires A., *Cister – Documentos Primitivos*, Lisboa, 1999, p. 59.



Fig. 3. Planta de localização do conjunto monástico. (Fonte: Google maps)

ciações no reinado de D. Manuel I, período em que foi ampliado o claustro inicial, com a construção de duas novas alas da autoria de Estevão Lourenço.

O acesso ao mosteiro faz-se através de um amplo espaço designado como pátio *de carruagem*⁴ que se alcança através de um portão encimado pelas armas da Ordem de Cister. É por este pátio que se entra nos espaços mais significativos do conjunto: na igreja, na antiga casa do capelão e também na cerca e no pomar.

Plantas do conjunto/ Espaços interiores

Descrevemos muito sumariamente as dependências mais relevantes existentes em cada ala do mosteiro (Figs. 4 e 5).

Assim, iniciando a descrição pela ala sul, a que é considerada como a mais significativa do mosteiro, nela encontramos a igreja com o seu portal manuelino, a portaria e o acesso ao claustro.

Portaria

A este espaço acede-se através de um alpendre, onde se encontra uma roda giratória, em madeira com caixa revestida em chapa metálica. Situa-se no lado esquerdo de quem entra no edifício e é uma sala de belas proporções, coberta por abóbadas de nervuras que

⁴ ESPANCA, Túlio, *Inventário Artístico de Portugal*, vol. VII (Concelho de Évora - volume I), Lisboa, 1966, p. 288.

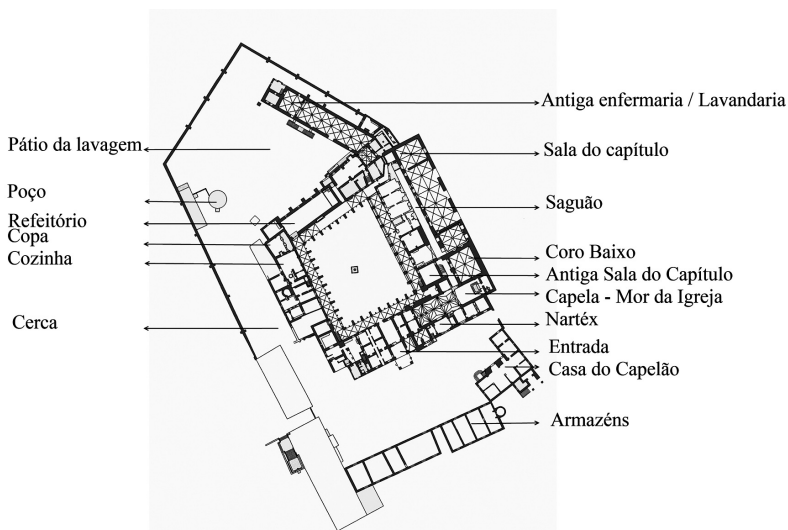


Fig. 4. Planta do piso térreo com a disposição das dependências, anterior a 1950

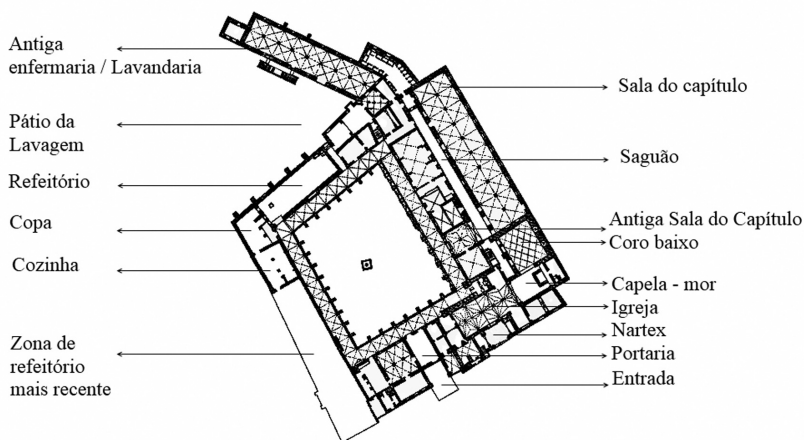


Fig. 5. Planta do piso térreo com a disposição das dependências, em data posterior às intervenções de 1950

assentam em elegantes colunas, sendo as paredes revestidas por um lambril de azulejos com motivos vegetais. Trata-se de uma sala ampla de planta quase quadrangular (Figs. 6, 7, 8 e 9).

Igreja

A igreja foi consagrada em 1328⁵. De nave única e planta em cruz latina apresenta a porta principal situada na fachada lateral, como é uso nos mosteiros femininos. A sua

⁵ *Ibidem*, p. 290.



Figs. 6, 7, 8 e 9. Acesso ao Mosteiro, a antiga roda em madeira, sala de entrada e portaria

cobertura é feita através de abóbadas de arestas manuelinas, dividindo-se em três tramos e o coro. A igreja sofreu grandes alterações no reinado de D. Manuel e durante o século XVIII foi renovado o seu interior (**Figs. 10 e 11**), com a construção do altar-mor em talha dourada, a inclusão de telas e painéis de azulejos. Estes representam cenas da vida de S. Bernardo e revestem as paredes laterais até meia altura. As espadas foram renovadas no século XVIII.

O claustro que apresenta forma trapezoidal e é constituído por dois pisos teve o seu início nos finais do século XV e foi concluído por Estêvão Lourenço em 1520, que manteve o estilo das alas existentes.

Encontram-se ordens distintas de arcos nos seus dois pisos. Arcos abatidos, em feradura e os mais recentes em meio ponto. Os capitéis das colunas que suportam os arcos são de motivos vegetalistas e antropomórficos muito diversificados. As abóbadas abatidas que cobrem os tramos das alas do claustro são em arco artesoadado chanfrado.



Fig. 10. Vista da nave da Igreja com o altar-mor



Fig. 11. Vista do coro da igreja

Em 1687 a estrutura do claustro foi consolidada, sendo completadas as duas alas em falta.

A zona mais antiga do claustro apresenta uma galeria gótico-mudéjar com arcos geminados que se apoiam em colunas com capitéis finamente ornamentados por motivos vegetalistas e antropomórficos (Figs. 12, 13 e 14). As galerias são cobertas por abóbadas em arco abatido (Figs. 15 e 16).



Fig. 12. Vista do Claustro do Mosteiro de S. Bento de Cástris, em 1949



Figs.13 e 14. Vistas recentes do conjunto e do interior de uma das alas do mesmo claustro



Fig. 15. Vista das intervenções ocorridas nas galerias superiores do claustro em 1949



Fig. 16. Vista atual do mesmo claustro

No centro do claustro situa-se uma fonte de mármore branco, também próximo da ala sul outra fonte com a forma de uma concha e ainda um lavabo em granito contíguo ao refeitório.

Na ala poente situam-se a zona do atual refeitório, a copa e a cozinha. Estas últimas mantiveram-se na anterior localização mas o restante desta ala foi muito intervencionado.

A Nordeste situa-se a antiga enfermaria/lavandaria.

Enfermaria

Parte da antiga enfermaria remonta ao século XVI e é uma sala ampla repartida em nove tramos sustentadas por colunas dóricas em granito onde se apoiam as abóbadas de nervuras. Em 1697 foi ampliada pela construção de um piso superior. Tinha entrada pelos dormitórios comuns e por uma escada exterior que comunica com o pátio da Lavagem⁶ (Fig. 17). Trata-se de um espaço sombrio porque tem adjacente o muro da cerca exterior de altura significativa. Da ala norte constam o refeitório e algumas salas sem grande relevância.

Refeitório das monjas

O acesso ao refeitório faz-se através de um pórtico da época do renascimento, geminado e em mármore (Figs. 18, 19, 20, e 23). Posteriormente, em final do século XVI foi construído o refeitório cujos painéis de azulejos representando maçarocas datam de 1654 (Fig. 22). O refeitório de grandes dimensões, de planta retangular, tem teto de caixotões estucados e pintados com frescos de motivos sagrados, onde encontramos nos primeiros S. Bento entre outros e profanos, os elementos cósmicos, as estações do ano, os meses e os quatro elementos. Neste espaço encontram-se ainda o púlpito e uma cadeira majestosa de espaldar com pinturas (Fig. 21). No seu subsolo conserva-se ainda a cisterna do mosteiro.

A ala nascente apresenta uma configuração dupla, tendo a separar os dois espaços de épocas distintas, um saguão. A parede exterior da primeira construção corresponderia à parede exterior primitiva do mosteiro. Encontram-se nas suas dependências a



Fig. 17. Vista do pátio da lavagem

⁶ ESPANCA, *Inventário Artístico de Portugal*, cit., p. 292.



Figs. 18, 19, 20, 21, 22 e 23. Vistas do antigo refeitório das monjas, das pinturas do teto representando S. Bernardo e cenas religiosas e profanas. Pannel de azulejos com motivos de maçorcas e majestosa cadeira de espadar, do século XVII

Sala do Capítulo ou das Colunas, a antiga Sala do Capítulo e o Coro Baixo. Do primeiro espaço tem-se acesso direto ao claustro. O piso superior da ala nascente terá sido construído cerca de 1825.

Coro Baixo

O Coro Baixo foi mandado construir no período que medeia entre 1644 e 1647, em substituição do primitivo coro. De planta retangular apresenta cobertura em abóbada de nervuras formando losangos, muito pronunciados, cujas pinturas os tornam ainda mais salientes. Comunica com a igreja por um gradeamento em ferro forjado (**Figs. 24, 25, 26, e 27**). O pé-direito desta dependência é baixo, conferindo-lhe uma escala muito humana, mas que tinha como consequência o cadeiral aproximar-se muito da cobertura.

Sala do capítulo/ Antigo dormitório⁷

A nova Sala do Capítulo também designada como Sala das Colunas data de 1587, e abriu-se nessa época o vão de comunicação com a primitiva Sala do Capítulo, em 1589. De planta retangular apresenta dez tramos, com colunas toscanas e coberta por

⁷ *Ibidem*, p. 291.



Figs. 24, 25, 26 e 27. Vistas do teto do Coro-baixo, painel de azulejos e grade do coro

abóbadas de aresta (Figs. 28, 29, 30 e 31). No primeiro tramo existem vestígios de uma antiga capela, mandada erigir por D.^a Ana de Souto Maior, que nela se encontra sepultada.

Antiga Sala do Capítulo

A entrada da antiga Sala do Capítulo é constituída por um portal do século XIII em arco ogival quebrado e ladeado por duas janelas góticas de colunelos duplos geminados. Este espaço de grande beleza formal encontra-se coberto por uma abóbada de nervuras dos inícios do século XVI, rematadas com chaves que se encontram decoradas com a esfera armilar. Este espaço foi melhorado em 1589 na vigência da abadessa D.^a Maria Pacheco, como consta em tabela barroca localizada no arco de acesso ao coro baixo. Nesta sala encontram-se as campas de diversas abadessas do mosteiro (Figs. 32, 33, 34, e 35).



Fig. 28. Vista da sala do Capítulo de cerca de 1950 (DGEMN)
Figs. 29, 30 e 31. Vistas da sala do capítulo no seu estado atual



Figs. 32, 33, 34 e 35. Vistas da antiga Sala do Capítulo

Dormitórios – segundo piso

Os novos dormitórios do mosteiro que se situam na ala nascente por cima da Sala do Capítulo incluíam as instalações das noviças e professoras. Eram imensos espaços de planta retangular e assinalável pé-direito que remontam à época seiscentista. Nestes espaços localizavam-se pequenas celas individuais (**Figs. 37, 38 e 39**). Em 1941⁸, em consequência de um ciclone, as coberturas dos dormitórios ruíram dado o avançado estado de degradação em que se encontravam.

Alçados do conjunto

Iniciando a descrição dos alçados com a mesma sequência com que se descreveram as plantas e espaços interiores, começaremos pela ala sul.

Este alçado é ocupado na sua grande parte pela igreja, onde podemos observar o portal manuelino delicadamente trabalhado de acesso à igreja, a espadana barroca, o arco abatido que dá acesso à portaria, e ainda um conjunto de vãos de diversas dimensões e formas, com gradeamento que se disseminam pela fachada. Nela se podem ler diversos pisos, correspondentes a ocupações diferenciadas no tempo. As coberturas são de três e por vezes quatro águas.

A ala poente é ocupada pela copa, cozinha, refeitório e escada de acesso ao piso superior onde se localizam salas de aulas. A abertura de vãos é muito regular e estes distribuem-se por dois pisos a espaços regulares. A sua reconstrução foi feita na altura em que o edifício recebeu as instalações da Casa Pia.



Figs. 36 e 37. (DGEMN) . Vistas do estado em que se encontrava o edificado cerca dos anos 50 do século XX
Fig. 38. Vista atual do que foram os dormitórios dos meninos da Casa Pia

⁸ *Ibidem*, p. 292.

Na ala norte, que corresponde ao antigo refeitório e rouparia, podem discernir-se vários pisos. A volumetria é muito diversificada, sendo de assinalar os contrafortes que marcam o alçado, e as antigas moradias particulares que contribuem para uma leitura muito dinâmica deste alçado.

A ala nascente é ocupada no seu interior pela Sala do Capítulo e pela cabeceira da igreja na zona que se situa mais à esquerda. De geometria bastante regular tem os seus 9 vãos do piso térreo reconstruídos na década de 50, no lugar anteriormente ocupado por três grandes portões (datados talvez da época em que o edifício albergou a Estação Agrícola). Subsistem ainda neste alçado três óculos. Os vãos do primeiro piso são todos retangulares e igualmente espaçados.

Cerca

A cerca do mosteiro tem grandes dimensões e nela se encontram oliveiras, sobreiros e videiras, havendo ainda zonas de pastoreio. Se consultarmos o auto de descrição e avaliação do mosteiro⁹, realizado após a morte da última freira, encontramos uma descrição muito pormenorizada do existente quer na cerca quer na horta do mosteiro. Nela constava a existência de um grande olival, de terra de semear, de vinha, pomar de frutos e uma pequena capela (ainda observável atualmente) (Figs. 39 e 40).



Figs. 39 e 40. Vistas da cerca do Mosteiro e do acesso à horta

⁹ Realizado em 6 de Outubro de 1857 por Manuel Joaquim Bugalho. Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, Convento de S. Bento de Cástris, caixa 1927, pasta 2.

Obras mais recentes ocorridas no conjunto monástico

O conjunto monástico, à semelhança de tantos outros que ficaram devolutos após a extinção das Ordens Religiosas, passou por diversas vicissitudes.

Extinguiu-se em 18 de Abril de 1890, por falecimento da última monja¹⁰. Mais tarde foram instaladas neste mosteiro e sua cerca uma Estação Químico-Agrícola que deu lugar posteriormente ao Campo Experimental da Circunscrição Agrícola do Sul.

No âmbito das Comemorações Centenárias de Portugal foi prevista para este conjunto a utilização como Asilo Agrícola Distrital¹¹ e posteriormente a sua atribuição à Casa Pia.

A tutela do conjunto monástico é da Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais que procede em 1937 à elaboração de um projeto pelo arquiteto Humberto Reis que tinha por objetivo reconstruir o edifício¹², adaptando-o à instalação da Secção da Casa Pia masculina. As obras foram retomadas posteriormente em 1942.

Um edifício de estrutura muito hierarquizada com uma comunidade fechada de monjas, conversas e noviças, passou a acolher uma comunidade fechada de meninos órfãos. A apropriação do espaço com funções de algum modo próximas às que tinha recebido anteriormente determinou intervenções que puderam manter muitas das utilizações dos espaços primitivos, com as naturais adaptações às necessidades de uma época diferente. As celas e dormitórios foram transformados no dormitório que se pode observar atualmente. Foi criado um novo refeitório para acolher o número significativo de crianças que iriam ocupar as instalações. O programa previa albergar 200 crianças e 30 empregados.

Assim foram criadas no rés-do-chão, portaria, átrio, oficinas, ginásio, secretaria, sala de visitas, rouparia, cozinha, copa e refeitório, bem como instalações sanitárias. Ainda no rés-do-chão, a igreja teve obras de conservação (das pinturas e assentamento dos painéis de azulejo) e consolidação (pavimento e colocação do púlpito em madeira).

No primeiro piso foram consideradas salas de aula, dormitórios, enfermaria e seus anexos e instalações sanitárias. Os dormitórios ocupam o local dos dormitórios das monjas.

A galeria do claustro sofreu grandes intervenções, porque apresentava estado ruinoso, sendo reparados os tetos em estuque.

No segundo piso foi construído o telhado correspondente às salas de aula e no terceiro piso a reconstrução da sua cobertura em terraço.

¹⁰ Sórora Maria Joana Isabel Batista. ESPANCA, *Inventário Artístico de Portugal*, cit., p. 287.

¹¹ *Ibidem*, p. 287.

¹² Cf. Arquivo DGEMN – Convento de S. Bento de Cástris, processo de obras. Documento do 5 de Fevereiro de 1944.

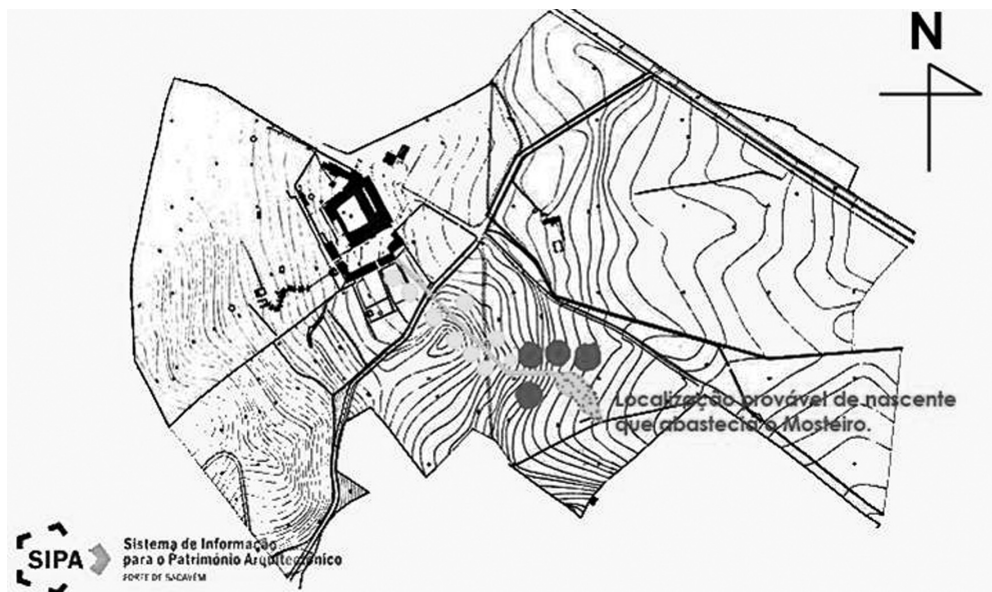


Fig. 41. Implantação do Mosteiro de S. Bento e sua cerca com indicação de localização provável de nascente que abastecia o mesmo

Enquadramento paisagístico de S. Bento de Cástris

A área em estudo, que abrangeu a zona envolvente e a cerca do Mosteiro de S. Bento de Cástris, apresenta um coberto vegetal muito alterado relativamente à vegetação natural primitiva. Efetivamente, a ação humana tem vindo desde há milénios a eliminar por corte e desbaste a floresta primitiva, mantendo-a sob a forma de montado ou substituindo-a por pastagens, áreas agrícolas e florestações extremas, alterando de forma significativa a flora e a vegetação natural da região.

Com base na Carta Militar (n.º460) à escala 1/25 000, nas fotografias aéreas e no reconhecimento de campo, foi possível fazer uma aproximação da vegetação natural que poderia ter existido na região.

Em termos potenciais, presumivelmente predominava na região uma floresta de sobreiros (*Quercus suber*) e azinheiras (*Quercus rotundifolia*), com um sub-bosque diversificado composto por medronheiro (*Arbutus unedo*), carrasco (*Quercus coccifera*), cássia branca (*Osyris alba*), trovisco (*Daphne gnidium*), murta (*Myrtus communis*), madresilva (*Lonicera implexa*) e a granza brava (*Rubia peregrina*), entre outros. O estrato arbustivo poderia ser constituído por sargaçais com sargaço (*Cistus salvifolius*), rosêlha pequena (*Cistus crispus*), rosmaninho (*Lavandula stoechas* subsp. *luisieri*), torga ordinária (*Calluna vulgaris*), moita alvarinha (*Erica scoparia*) e ranha lobo (*Genista triacanthos*). Nas áreas onde o coberto arbóreo era pouco denso, principalmente nas vertentes orientadas a sul do Alto de S. Bento,



Fig. 42. Corte esquemático da nascente



Fig. 43 e 44. Vistas do local da provável nascente e o freixial que acompanha o lençol freático superficial

predominavam codeçais (*Adenocarpus complicatus*), que confeririam à paisagem manchas amareladas no período de floração.

Em trabalho de campo, foi possível identificar uma provável nascente (Fig. 43) na Quinta do Caldeireiro (Carta Militar n.º 460), pela presença maciça de silvas (*Rubus ulmifolius*) e pelos freixos (*Fraxinus angustifolia*) que acompanham o lençol freático, que atravessa a cerca. Já no seu interior, forma um corredor ripícola num leito pouco profundo e provavelmente com regime torrencial, quase em linha reta até ao mosteiro (Figs. 42, 43 e 44).

O coberto vegetal no interior da cerca está profundamente alterado. Predominam olivais (*Olea europaea*) nas cotas mais baixas próximas do convento e nas zonas mais altas e inclinadas, uma mata artificial com manchas residuais de sobreiro (*Quercus suber*), azinheira (*Quercus rotundifolia*), oliveira (*Olea europaea*), medronheiro (*Arbutus unedo*), carrasco (*Quercus coccifera*), loureiro (*Laurus nobilis*), murta (*Myrtus communis*), silva (*Rubus ulmifolius*), com introdução de pinheiro manso (*Pinus pinea*),

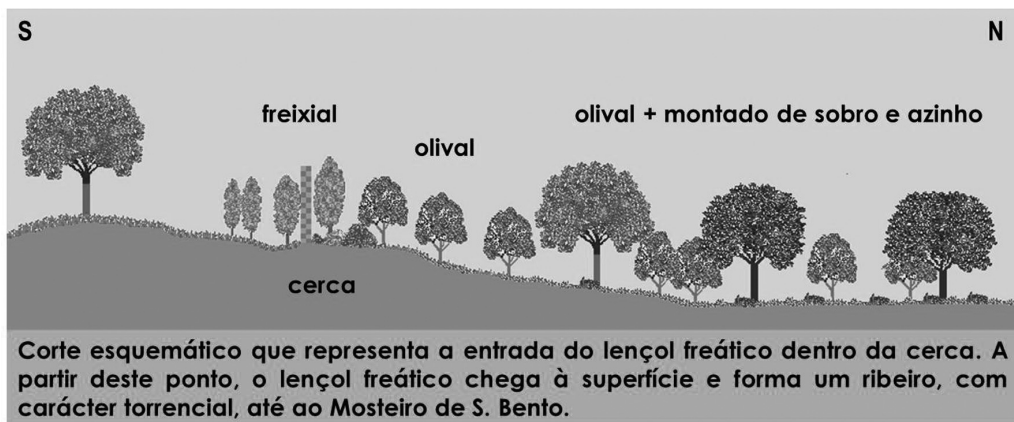


Fig. 45. Corte esquemático do lençol freático que atravessa a cerca

alfarrobeira (*Ceratonia siliqua*) e figueira (*Ficus carica*). O estrato arbustivo encontra-se dominado por grupos dispersos de pequenos arbustos como sargaço (*Cistus salvifolius*) e roselha (*Cistus crispus*) e no herbáceo, a pastagem natural mantém-se pelo pastoreio de bovinos, provavelmente em regime intensivo (Fig. 45).

Conclusões

Após algumas visitas ao local com o objetivo de melhor o conhecer, entender e analisar, procedeu-se ao seu levantamento fotográfico, quer do conjunto monástico quer também da cerca. Desta última foi feito um levantamento da vegetação que atualmente existe e foram elaborados cortes esquemáticos que procuram mostrar a vegetação e a provável existência de uma nascente situada no Alto de S. Bento.

Procurou-se realizar, sempre que possível um paralelismo fotográfico¹³ entre o estado em que se encontrava o mosteiro antes e depois das obras que decorreram na década de 50 do século passado e a situação em que se encontra atualmente. Nota-se que apesar das obras de conservação e restauro levadas a cabo nessa época, o mosteiro tem-se vindo a degradar e neste momento está a sofrer obras de conservação dos telhados¹⁴.

O facto de as instalações da Casa Pia terem deixado o edifício devoluto desde 2005, tornou-o alvo de vandalizações e pequenos roubos. A degradação crescente que

¹³ Esta análise teve como fonte de recolha de informação o *site*: Monumentos.pt, que conserva toda a documentação referente a este conjunto monástico

¹⁴ Nos telhados, em visitas sucessivas, observou-se que não está a ser utilizada a telha de canudo que deveria ser a opção mais adequada, mas se encontram todas as coberturas a serem substituídas por telha lusa.

se nota mostra que é fundamental que estes edifícios que são património classificado tenham uma ocupação condigna com o seu passado histórico¹⁵.

Sofreu ações de vandalismo e fogo posto na sua cerca, em Agosto de 2010¹⁶. Em Março de 2011, foi alvo da pilhagem de um dos sinos¹⁷, que ao ser apeado destruiu uma parte do telhado¹⁸.

Passou para a tutela do Ministério da Cultura, e foi necessário encontrar uma solução para este conjunto. Das várias hipóteses que foram ventiladas contava-se com a possível venda do imóvel para nele inserir um hotel de luxo¹⁹, mas em Maio de 2011²⁰, parece que a sorte do mosteiro foi decidida de outro modo, pela transferência do Museu Nacional da Música para estas instalações²¹. Prevê-se que esta mudança será faseada e ocorrerá num período de quatro anos, utilizando para essa finalidade fundos comunitários, com a previsão de instalação do museu a partir de 2014²².

Uma proposta que parece também de interesse é a instalação de uma pequena comunidade religiosa e, para essa finalidade, o mosteiro foi visitado por uma delegação de monges beneditinos brasileiros²³.

Dada a conjuntura atual, não será ainda este ano que a transferência do Museu será realizada devido à falta de verbas que se encontram bloqueadas²⁴.

¹⁵ Já na Carta de Atenas de 1933 se preconizava: “que se mantenha a ocupação dos monumentos, que se assegure a continuidade da sua vida consagrando-os contudo a utilizações que respeitem o seu carácter histórico ou artístico”.

¹⁶ <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/69780/>
<http://viveredora.blogspot.pt/2012/05/historia-do-convento-de-s-bento-de.html>.
<http://cisterportugal.blogspot.pt/2011/07/o-mosteiro-de-s.html>.
<http://maisevora.blogspot.pt/2010/08/fogo-na-cerca-do-convento-s-bento.html>.
<http://maisevora.blogspot.pt/2011/03/roubado-sino-do-convento-s-bento-de.html>.
<http://m.publico.pt/Detail/1537507> acedidos em 5 de Junho de 2012.

¹⁷ O que já tinha ocorrido em 2007, mas sem sucesso porque não foi possível transportar o referido sino. www.gov-civil-evora.gov.pt.

¹⁸ <http://maisevora.blogspot.pt/2011/03/roubado-sino-do-convento-s-bento-de.html> acedido em 5 de Junho de 2012.

¹⁹ À semelhança do que sucedeu com o Convento de Espinheiro localizado nas imediações da cidade.

²⁰ O Secretário de Estado da Cultura, Elísio Sumavielle, revelou que o Museu Nacional da Música iria ser transferido de Lisboa para o Mosteiro de S. Bento de Cástris, em Évora.

²¹ O espólio da coleção que se encontra na estação do Alto dos Moinhos do Metro de Lisboa reúne cerca de mil e trezentos instrumentos musicais dos séculos XVI a XX, na sua maioria europeus, mas também africanos e asiáticos, de tradição erudita e popular.

²² FREIRE, Mariana Courinha de Torres Vaz, *Cultura, património e turismo: uma trilogia possível? Sons, silêncio e outros sentidos no mosteiro de S. Bento de Cástris*, Tese de Mestrado apresentada à Universidade Nova de Lisboa, 2011.

²³ <http://viveredora.blogspot.pt/2012/05/historia-do-convento-de-s-bento-de.html>, acedido em 5 de Junho de 2012.

²⁴ <http://m.publico.pt/Detail/1537507>, acedido em 5 de Junho de 2012.

Entretanto encontram-se a ser realizadas obras de recuperação das coberturas do conjunto monástico por forma e evitar uma maior degradação do mesmo²⁵.

Decorrem também obras de conservação e recuperação do imóvel, levadas a cabo pela DRCAlen²⁶.

Pelo que atrás se refere, podemos constatar que o futuro deste património não está definido, e apesar de as propostas serem interessantes e exequíveis as restrições orçamentais não vão permitir que haja ocupação do edifício a breve prazo.

Resta-nos a satisfação de saber que estão a ser realizadas algumas obras de conservação como as já mencionadas que poderão contribuir para que este conjunto que constitui um espaço de grande qualidade continue ainda a fazer parte do legado das gerações que nos precederam e possa ser transmitido como um conjunto coeso de inegável valor em boas condições às gerações vindouras.

Não podemos esquecer que atualmente e face às contingências económicas, a aposta na conservação do património pode trazer mais-valias do ponto de vista do incremento do turismo, tal como preconiza a Declaração de Viena: “Tudo leva a crer que, a longo prazo, o investimento em património constitui uma solução sustentável de sucesso garantido para fazer face à recessão económica. Sabe-se que o investimento no restauro, ou na recuperação de edifícios e sítios históricos, gera postos de trabalho, relançando a economia, ao contrário da construção de novos edifícios; que o património se encontra no seio das comunidades, estimulando a coesão social, bem como o sentido de identidade e de pertença a um lugar”²⁷.

Esta pode ser uma alternativa exequível e com aspetos muito positivos quer do ponto de vista economicista quer do ponto de vista da conservação do património.

²⁵ Obras orçadas em 220 mil euros serão financiados a 85 por cento por fundos comunitários, através InAlentejo, e deverão estar concluídas num espaço de seis meses.

²⁶ <http://m.publico.pt/Detail/1537507>, acedido em 5 de Junho de 2012.

²⁷ Unesco - Declaração de Viena/09 - Um Incentivo ao Património em Período de Recessão Económica.

